Fracassar todos os dias: a ética da falta-a-ser e a aposta no impossível

Ana Cristina Sampaio

Resumo

O texto sustenta que a psicanálise convoca uma ética da falta-a-ser. "Fracassar todos os dias" significa, nesse horizonte, menos uma derrota do que uma posição ética diante do real. A autora afirma que a experiência analítica não se reduz a um trabalho nem à aplicação de uma técnica, mas se configura como forma de estar no mundo, orientada pelo desejo e marcada pela incompletude. Ao retomar o ensino de Jacques Lacan, o texto situa o fracasso como ponto estrutural, ligado ao que não se sutura e que escapa a qualquer promessa de totalidade. O sujeito busca uma análise quando seu arranjo com o gozo se apresenta como fracassado; trata-se, porém, não de um erro contingente, mas da irrupção de um limite de ordem estrutural. A autora articula o tempo lógico da psicanálise como reinscrição desse tropeço ao longo do tempo, não como repetição estéril, mas como possibilidade de que algo do inconsciente se diga novamente. Inspirada na leitura de Dominique Fingermann, concebe a formação do analista como (de)formação, atravessamento de ideais e sustentação da falta-a-ser. Assim, aposta no impossível e afirma o fracasso como condição do ato analítico.

Palavras-chave:

Psicanálise; Fracasso; Ética; Falta-a-ser; Formação do analista.

On failing every day: the ethics of manque-à-être and the wager on the impossible

Abstract

The text argues that psychoanalysis calls for an ethics of manque-à-être (lack-of-being). "Failing every day" means, within this horizon, less a defeat than an ethical position in relation to the Real. The author maintains that the analytic experience cannot be reduced to a profession or the application of a technique, but it takes shape as a way of being in the world, oriented by desire and marked

by structural incompleteness. Drawing on the teaching of Jacques Lacan, the text situates failure as a structural point, linked to what cannot be sutured and escapes any promise of totality. A subject seeks analysis when their arrangement with jouissance appears as failed; this does not designate a contingent error, but the emergence of a structural limit. The author articulates logical time as a reinscription of this stumbling over time. Inspired by Dominique Fingermann, analytic formation is conceived as (de)formation. Thus, the text wagers on the impossible and affirms failure as a condition of the analytic act.

Keywords:

Psychoanalysis; Failure; Ethics; Manque-à-être; Analytic formation.

Fracasar todos los días: la ética de la falta-en-ser y la apuesta por lo imposible

Resumen

El texto sostiene que el psicoanálisis convoca una ética de la falta-en-ser. "Fracasar todos los días" significa, en este horizonte, menos una derrota que una posición ética frente a lo real. La autora afirma que la experiencia analítica no se reduce a un trabajo ni a la aplicación de una técnica, sino que se configura como una forma de estar en el mundo, orientada por el deseo y marcada por la incompletud estructural. Retomando la enseñanza de Jacques Lacan, el texto sitúa el fracaso como un punto estructural. El sujeto busca un análisis cuando su arreglo con el goce se presenta como fracasado; no se trata de un error contingente, sino de la irrupción de un límite estructural. La autora articula el tiempo lógico como reinscripción. Inspirada en Dominique Fingermann, concibe la formación como (de)formación. Así, apuesta por lo imposible y afirma el fracaso como condición del acto analítico.

Palabras clave:

Psicoanálisis; Fracaso; Ética; Falta-en-ser; Formación del analista.

Échouer chaque jour : l'éthique du manque-à-être et le pari sur l'impossible

Résumé

Le texte soutient que la psychanalyse convoque une éthique du manque-à-être. « Échouer chaque jour » signifie, dans cet horizon, moins une défaite qu'une

position éthique face au réel. L'auteure affirme que l'expérience analytique ne se réduit ni à un métier ni à l'application d'une technique, mais se configure comme une manière d'être au monde, orientée par le désir et marquée par l'incomplétude structurelle. En s'appuyant sur l'enseignement de Jacques Lacan, le texte situe l'échec comme un point structural. Le sujet entreprend une analyse lorsque son arrangement avec la jouissance se présente comme échoué ; il ne s'agit pas d'une erreur contingente, mais de l'irruption d'une limite structurale. L'échec est articulé au temps logique comme réinscription. Inspirée par Dominique Fingermann, la formation est pensée comme (dé)formation. Ainsi, le texte affirme l'échec comme condition de l'acte analytique.

Mots-clés :

Psychanalyse ; Échec ; Éthique ; Manque-à-être ; Formation de l'analyste.

> A gente passa a vida pelejando com o dilema de existir ou desistir, com o que é bom e o que é ruim, o certo e o errado, a morte e a vida. Essas coisas não se separam. O lugar que dói é o mesmo que sente arrepios. É no corpo, no amor e na liberdade que a gente fica inteiro ou despedaçado. (Madeira, 2021)

O presente trabalho propõe uma reflexão acerca do estatuto do fracasso na psicanálise, tomando como eixo a ética que orienta a clínica e a formação do analista. Delimita-se a discussão com base no ensino de Jacques Lacan, em diálogo com a proposta de formação desenvolvida por Dominique Fingermann e com referências literárias que tensionam a experiência do limite e da incompletude. O objetivo geral é problematizar o fracasso não como erro ou desvio, mas como elemento estrutural da experiência analítica. Como objetivos específicos, busca-se: articular a noção de fracasso ao real, à castração e ao gozo; examinar sua incidência na demanda por análise; e discutir seus efeitos na formação e no exercício da prática psicanalítica. O desenvolvimento parte de uma vinheta pessoal que introduz a questão, avança na fundamentação teórica a partir dos seminários de Lacan e da proposta de (de)formação do analista em Fingermann, e conclui retomando o fracasso como dimensão ética incontornável da vida e da clínica. É a partir desse percurso que se busca sustentar o fracasso não apenas como ponto de partida da experiência analítica, mas como operador que a atravessa em suas diferentes dimensões.

Dia desses, conversando com uma grande amiga, alguém que está em análise há alguns anos, compartilhei que estava tendo um dia um tanto esquisito, pelo mal-estar que um caso me gerou.

Há que sustentar o desejo de escutar, de estar lá pela caminhada do analisante, de acompanhá-lo pela estrada de tijolos amarelos do saber fazer com seu sintoma, mas não sem que um ou outro manejo pese para o analista.

Coisas da práxis: um corte difícil que se sabe doloroso para aquele sujeito, alguma aposta arriscada, incertezas diagnósticas, e daí levamos para a supervisão, para a análise pessoal…

Pois bem. Minha amiga me disse, então:

— Parece uma coisa ao mesmo tempo delicada e totalmente ossos do ofício.

Ao que eu respondi:

— É que a psicanálise não é um trabalho, é uma experiência continuada da vida, uma forma de viver, se a gente tiver ética e coragem para fracassar todos os dias. A falta, o furo, isso é posto. A vida é o que se faz em torno disso, e tem dia em que dói.

Desde então, a expressão "fracassar todos os dias" volta e meia me vem. Significante utilizado por Lacan, vivenciado por ele próprio em sua relação conflituosa com a Associação Psicanalítica Internacional (IPA, do inglês International Psychoanalytical Association), experienciado tantas vezes por Freud durante a criação e desenvolvimento da psicanálise e que nos encontra, sem erro, ao longo da formação e em nossas análises, o termo fracasso ainda hoje causa desconforto.

Não é sem razão esse desconforto. No discurso contemporâneo, especialmente sob a lógica capitalista, ele se associa frequentemente à ideia de insuficiência, erro ou falta de sucesso, sendo inscrito no campo da avaliação e do desempenho. A psicanálise, contudo, opera um deslocamento: o fracasso não é tomado como desvio em relação a um ideal de êxito, mas como índice de uma impossibilidade estrutural.

Portanto, não há outra palavra: é de fracasso que se trata.

No *Seminário 7: a ética da psicanálise*, Lacan articula a ética do desejo com aquilo que não se deixa suturar, indicando que o sujeito é convocado a sustentar sua posição justamente ali onde se evidencia o limite e a impossibilidade de completude (Lacan, 1959-1960/2008a). O fracasso, nesse sentido, não é acidente, mas efeito da estrutura.

Para que um sujeito procure um analista, algo em seu modo de funcionamento se apresenta como tendo fracassado. Não se trata, porém, de um fracasso contingente, como se algo que poderia ter funcionado simplesmente não tivesse "dado certo", mas da irrupção, na experiência do sujeito, de um limite de ordem estrutural. O que fracassa, nesse ponto, é precisamente a tentativa de suturar aquilo que, por estrutura, não se deixa fechar.

No *Seminário 20: mais, ainda*, Lacan desenvolve a ideia de que o gozo encontra um limite estrutural e que a tentativa de ultrapassá-lo revela a dimensão de im-

possibilidade que marca a condição humana (Lacan, 1972-1973/2008b). O fracasso aparece, aí, como nome possível desse encontro com o real.

Outra dimensão incontornável é o tempo. O fracasso não se dá de uma vez, como um acontecimento localizado, mas insiste e se reinscreve continuamente de diferentes formas ao longo de uma análise, de uma formação, de uma vida. Talvez por isso esse "fracassar todos os dias": não uma repetição estéril, mas a chance de que algo do inconsciente se diga de novo, a partir do tropeço, daquilo que insiste em não se fechar.

O tempo, nesse sentido, não é cronológico, mas o tempo lógico da psicanálise, esse que surpreende, que se impõe como corte, que convoca à interpretação. O fracasso comparece como aquilo que relança o processo analítico, ao introduzir elementos a partir dos quais algo do inconsciente pode se dizer.

É também nessa perspectiva que a questão do fracasso incide sobre a formação do analista.

A proposta de Dominique Fingermann, em *A deformação do psicanalista*, convida a pensar a formação como uma experiência de deformação — ou, talvez melhor dizendo, (de)formação — na qual se abandona o ideal de domínio e de sucesso terapêutico para sustentar a incidência do inconsciente, o próprio e o do outro, como aquilo que escapa ao controle. Ao afirmar que "a deformação do analista, subsequente à sua prova permanente, sua maneira de praticar o estudo da psicanálise e suas condições de transmissão, é o que pode sustentar o ensino da psicanálise" (Fingermann, 2016, p. 23), a autora explicita que a formação não se estabiliza em um saber adquirido, mas se reinscreve como prova constante. Trata-se de atravessar a fantasia, deixar cair os ideais e sustentar-se na falta, aceitando que é justamente essa prova permanente, essa exposição ao que não se domina, que marca o analista em sua prática.

O tripé da formação como o conhecemos, análise pessoal, supervisão e estudo teórico, não tem como objetivo formar especialistas do saber formal, mas sujeitos que apreendam algo da própria castração e empreendam um saber fazer com ela. Sustentar uma ética orientada não pela completude, mas pelo desejo, que é ele mesmo marcado pela falta.

É por isso que a psicanálise não é uma profissão, tampouco o emprego de uma técnica: ela é, fundamentalmente, uma forma de estar no mundo. Estar na clínica como quem reconhece que não há totalidade a alcançar, que não há resposta fechada, definitiva. Trata-se, ao contrário, de sustentar a pergunta, estando advertidos de que a resposta possível pode ser bem diferente do que se espera.

Na Escola-refúgio, nos cartéis, nos consultórios, o fracasso se atualiza, reinventando, assim, a própria psicanálise. Ele não é uma falha moral, nem mesmo uma derrota. É a marca do real que insiste, da incompletude do Outro, da impossibilidade de dizer tudo. É o ponto onde algo do sujeito se revela, ali onde o saber falha.

Minha amiga genial tem razão: é delicado, sim, e são ossos do ofício, também. A autora mineira Carla Madeira, em seu romance *Tudo é rio*, de onde saiu a epígrafe deste artigo, escreve: "o triz nos espreita".

O fracasso está posto desde o início. Na vida e na clínica. Sigamos, pois, com ética e coragem para fracassar todos os dias.

Referências bibliográficas

Fingermann, D. (2016). *A deformação do psicanalista*. São Paulo: Escuta.

Lacan, J. (2008a). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960)

Lacan, J. (2008b). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973)

Madeira, C. (2021). *Tudo é rio.* Rio de Janeiro: Record.

Recebido: 28/02/2026

Aprovado: 14/08/2026